

REVISTA CICEP EVOLUÇÃO

JULHO DE 2022 V.1 N.7



DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/07/2022



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 7

Julho 2022

Publicação

Mensal (julho)

SL Editora

Rua Fabio, 91, casa 13 – Chácara Belenzinho 03378-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 1, n. 7 (2022) - São Paulo: SL Editora, 2022 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 10/07/2022

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: A LINGUAGEM VERBAL E SUA ESPECIFICIDADE

CINTHIA SANTIAGO DE FARIA.....4

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: A LINGUAGEM VERBAL E SUA ESPECIFICIDADE

CINTHIA SANTIAGO DE FARIA

Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2010); Pós-graduada em Legislação Educacional pela Faculdade Campos Elísios (2017); Pós-graduada em Neuropsicopedagogia pelas Faculdades Campos Elíseos (2018); Professora de Ensino Fundamental I - na EMEF Geraldo Sesso Junior, Professor de Ensino Fundamental I – na EE Padre Noé Rodrigues

RESUMO: As atividades de uso da linguagem são as que se refere a ler, escrever, escutar e falar, as quais se realizam em qualquer situação de comunicação verbal e que acontecem nos mais variados espaços sociais, inclusive o escolar: escrever um bilhete, telefonar para um amigo ou para reclamar ou solicitar um serviço, participar ou proferir uma palestra ou conferência, assistir a um programa de TV, ouvir um noticiário no rádio, ler um jornal, ou uma revista, ler um artigo acadêmico para estudar um tema determinado, ler as manchetes no estande de banca de jornais, fazer palavras cruzadas, conversar com os amigos na rua, entre outras.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Linguagem.

INTRODUÇÃO

O ciclo de alfabetização, que compreende os anos iniciais (1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I), é considerado um tempo sequencial de 3 anos que permite às crianças construir seus saberes de forma contínua, respeitando seus ritmos, suas individualidades, seus modos de pensar, agir e se expressar.

No processo de alfabetização, os docentes que adotam métodos voltados a ensinamentos descontextualizados e fragmentados que visam apenas decodificar e memorizar a equivalência entre as letras e os seus respectivos fonemas, estão colaborando com a perpetuação das diferenças entre as classes socialmente menos favorecidas e os segmentos sociais dominantes, e, conseqüentemente, com o sucesso escolar destes e o fracasso daquelas.

De forma diferente um processo de ensino e aprendizagem em que se considere os conhecimentos prévios discentes como ponto de partida da aquisição de escrita, a aprendizagem será construída em interações mediadas pelos professores, favorecendo o aparecimento de leitores críticos, autônomos e proficientes.

Para a efetivação do ato de ler e escrever o ambiente das salas de aulas deve ser configurado, em espaços para contatos com conhecimentos científicos significativos; e, então, a escola assume a sua importante função de alfabetizadora aberta a encontros qualitativos entre os discentes das diversas camadas sociais e o saber sócio-histórico construído pela humanidade, para, dessa forma, colaborar com a construção de uma sociedade crítica e, alunos protagonistas de sua aprendizagem.

Assim formaremos cidadãos conscientes, alfabetizados, letrados e possuidores de conhecimentos únicos que os acompanharão por toda vida, tornando-os seres privilegiados dentro desse conhecimento.

LINGUAGEM VERBAL

O desenvolvimento deste estudo tem como principal objetivo analisar aspectos pragmáticos, fonológicos, semânticos e sintáticos através de uma visão filosófica e fonoaudiológica, comparando estas abordagens, com o intuito de mostrar de forma abrangente a união entre estas duas áreas de estudo e estimular o fonoaudiólogo a uma atuação mais holística e sistêmica no processo comunicativo, no que diz respeito aos processos de comunicação verbal.

A linguagem verbal é um sistema de significação. A distinção entre o oral e o escrito tem sido tema de discussão frequente, principalmente no ensino de Língua Portuguesa.

Chomsky (1998, p. 56) diz que o indivíduo é o que ele comunica, expressa e sente. E é através desse ato de comunicação, que o homem interage com o meio onde está inserido, e com essa interação ele compreende e expressa aos demais sua verdadeira essência, suas ideias, raciocínio e emoções. Ou, até quem sabe, se expressa sem deixar aflorar suas reais ideias e pretensões.

Ainda segundo Chomsky (1998, p. 58), a linguagem está intimamente ligada ao pensamento. É através do pensamento que o homem traz à consciência o limiar do conhecimento em palavras. O pensamento é a linguagem que concretiza a inserção do corpo do homem no mundo, criando possibilidade de expressão ao mesmo tempo em que estabelece um limite. Sendo impossível significar tudo, a linguagem não se esgota porque

o pensamento é um fluxo contínuo em que um significado cria significados para serem explicados.

Com este estudo queremos aproximar a linguagem e o pensamento, a verdade e a significação. A fonoaudiologia e filosofia através de seus estudos apresentam entre si certas semelhanças no estudo da linguagem e do pensamento. Pretende-se, portanto, chegar a uma discussão comum aos dois campos de estudo.

A linguagem é processo de interlocução que possibilita a prática social dos mais diversos tipos de atos. Constitui-se na língua em funcionamento; por isso, caracteriza-se pela diversidade desse funcionamento (nas diferentes esferas, por exemplo) e, dessa maneira, dos modos de significar (como convencimento, como lei, como registro de conhecimento científico etc.). Já que possibilita a realização dos mais diversos atos sociais.

A criança começa a desenvolver sua linguagem logo após o nascimento, sendo que podemos dizer que mesmo ao longo da vida intrauterina este bebê já vem tendo seu desenvolvimento biológico, emocional, cognitivo e de linguagem influenciado por diversos fatores como por exemplo o estado de saúde físico e emocional da mãe, os ruídos tanto corporais da mãe como do meio ambiente externos, dentre outros.

Piaget (1962) diz que ao nascer a criança tem a possibilidade de vir a desenvolver a compreensão deste mundo no qual chegou, bem como meios de expressar-se para haver uma efetiva interação e comunicação não só com o meio, mas também com as pessoas.

Vários autores já estudaram e ainda estudam o que deflagra este processo, como evolui e o que o influencia e determina, havendo várias divergências.

SKINNER (1957) defende que o desenvolvimento linguístico da criança ocorre devido a um condicionamento operante aos estímulos recebidos.

Já PIAGET (1962) *apud* GERBER (1996) procura demonstrar que a linguagem surge em decorrência da construção pela criança de operações e estruturas cognitivas, através de suas interações sensório-motoras iniciais com o mundo.

O importante neste desenvolvimento é a imitação ativa da criança das suas próprias ações e das ações dos outros, tanto para a exploração do meio como para propósitos de brinquedo sensório motor. A socialização da criança acompanha as mesmas etapas do desenvolvimento cognitivo, partindo de estruturas indiferenciadas para o grau máximo nas operações formais.

Em contrapartida, CHOMSKY (1966) *apud* FERNANDES (1998) advogara que o indivíduo nasce com capacidades inatas para o desenvolvimento da linguagem - isto quer

dizer que existem universais cognitivos e linguísticos inerentes a todos os indivíduos e cabe ao meio apenas estimular este potencial já existente. Uma vez ativadas estas universalidades, reconhecem os estímulos apresentados e atuam de modo a desenvolvê-los, assim, segundo esta ideia, todo indivíduo nasce com um conhecimento subjacente de uma gramática geral, universal, e o meio vai ativar este conhecimento.

Observa-se que mesmo havendo profundas divergências entre estes autores, eles bem como ainda não refutam a importância do biológico, nem do meio. O que se discute e qual destes é o elemento deflagrador, e como este processo ocorre.

O domínio da linguagem é condição essencial para que o ser humano seja capaz de relembrar, planejar, raciocinar e direcionar tanto o curso de sua própria vida como da comunidade em que se encontra (RAPPAPORT, FIORI & DAVIS, 1981). Sendo assim, é extremamente importante que este processo se desenvolva em condições desejáveis.

A linguagem não é simplesmente uma maneira pela qual as pessoas podem expressar suas ideias e necessidades básicas. A linguagem além de um meio de comunicação, também exerce um papel preponderante na representação, organização e interação com o meio ambiente.

A linguagem não é usada apenas para o indivíduo se comunicar e expressar suas ideias. Assume também um papel de organização e representação do ambiente em que o indivíduo está inserido, tornando-o capaz de dominar sua linguagem em benefício seu e do meio. As práticas sociais que se dão pela linguagem são inúmeras, vão desde assistir a aula, interagir com o meio, as mídias sociais a utilizar um caixa eletrônico.

O vocabulário da criança amplia-se gradativamente. De acordo com VYGOTSKY (1984), o vocabulário se desenvolve conjuntamente ao desenvolvimento cognitivo, baseando-se na formação de conceitos, na elaboração de significados, no desenvolvimento das percepções. Sendo a origem da percepção do mundo.

O léxico da criança se desenvolve em conjunto com o desenvolvimento cognitivo, pois à medida que vai amadurecendo, a criança vai experimentando coisas, vai adquirindo novos conceitos e palavras, que estarão presentes em sua memória, e serão utilizadas quando sentir necessidade de simbolizar algo.

VYGOTSKY (1994) ao tentar relacionar fatores biológicos e sociais, focalizando uma área particular de interesse, descobriu na história o cerne de sua concepção de linguagem enquanto na atividade. Assim ele relaciona a linguagem não apenas com o pensamento, mas com o trabalho e a consciência humana.

Assim, para VYGOTSKY, a linguagem não se relaciona apenas com o pensamento, mas há relação com o trabalho e a consciência humana. Estabelecendo assim, uma ligação entre linguagem e sociedade.

Comparara o pensamento a uma “nuvem descarregando uma chuva de palavras” para afirmar que a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado, e é por este que se estabelece a medição entre o sujeito, seus interlocutores e o mundo social. Para este autor, a linguagem não poderia ser vista como meio ou instrumento; ela é a própria essência da vida mental.

As palavras têm corpo e alma, são usadas por uma comunidade linguística, devem ser levadas em consideração no contexto em que se encontram, mas são também individuais, pois cada indivíduo inclui suas próprias relações no uso delas e sua capacidade de compreensão é relativa ao estágio de maturação do seu desenvolvimento cognitivo.

A linguagem é um meio de comunicação, mas também um dos principais instrumentos de desenvolvimento dos processos cognitivos do ser humano (MAZZAFERA & SORDI, 2000).

A linguagem é o meio de comunicação utilizado por nós seres humanos, mas não só, é também um elemento precursor do desenvolvimento intelectual, cognitivo da criança. Assim, por ser um meio de comunicação, a linguagem pode ser expressa através da fala, da escrita, dos gestos (MAZZAFERA & SORDI, 2000, p. 79)

As palavras assumem em todos os momentos da vida dos seres humanos, uma significação conforme o seu desenvolvimento cognitivo, suas experiências de vida, sua cultura, época em que estamos vivendo. Possuem corpo e alma porque são utilizadas por um grupo de pessoas ou por apenas uma pessoa; mas sua alma está contida na significação que este grupo ou pessoa nela deposita, para conseguir se expressar e se fazer entender.

POETZSCHER (1994) afirmara que a linguagem é de tal modo onipresente que a aceitamos e sabemos que sem ela a sociedade, tal como a conhecemos, seria impossível. É, com efeito, na língua e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente.

A linguagem está presente em qualquer momento da vida de um ser humano, porque sem a linguagem o homem não teria como se comunicar com os outros e viveria isolado. Sendo assim, a linguagem faz também, através de sua língua, que o homem possa agir sobre o mundo e sobre ele mesmo (POETZSCHER, 1994, p. 103).

GERALDI (1995) elucidara que a “língua” não está de antemão pronta, mas a “atividade da linguagem” se constrói e reconstrói no próprio processo interlocutivo. Através da interação com os outros, o sujeito se constitui como tal. Neste sentido, a linguagem é trabalho social e histórico seu e dos outros, e é para os outros e com os outros que ela se constitui.

A linguagem é uma tarefa sua e dos outros; porque é na interação com o meio e com as pessoas que criamos a nossa linguagem. Como para o desenvolvimento da linguagem é imprescindível a interação com o meio, este processo vai se alterando de geração para geração.

O momento de maior significado no curso de desenvolvimento intelectual que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem.

O importante da fala, é que além de facilitar a efetiva manipulação de objetos pelas crianças, controla também o comportamento da própria criança. Assim, com a ajuda da fala, as crianças adquirem a capacidade de ser tanto sujeito como objeto de seu próprio comportamento (VYGOTSKY, 1994), “com a convergência da fala e atividade prática, é que o desenvolvimento infantil se consolida; a fala auxiliará a criança na manipulação dos objetos e no controle do seu próprio comportamento” (VYGOTSKY, 1994, p. 236).

Inicialmente a fala segue a ação, sendo provocada e dominada pela atividade. Posteriormente, entretanto, quando a fala se desloca para o início da atividade, surge uma nova relação entre palavra e ação. Nesse instante a fala dirige, determina e domina o curso da ação; surge a função planejadora da fala, além da função já existente da linguagem, de refletir o mundo exterior (VYGOTSKY, 1994).

O significado é dado por todo o comportamento no momento e a situação na qual ocorre. Neste caso, o quadro de referências da criança é situacional, isto é, externo e social (VYGOTSKY, 1984; 1987 *apud* LAMPREIA, 1999).

Vários filósofos também discorreram sobre a linguagem, pois a filosofia estuda a essência do homem, que só pode ser compreendida através de sua linguagem.

Um deles foi Platão (S.d.), explicando que há uma forma de estilo narrativo apta a ser empregada por um verdadeiro homem de bem quando tem algo a dizer; e outra forma, bem diversa da primeira, a que sempre recorre e de acordo com qual se expressa aquele modo de ser e educação são opostos aos homens de bem (PLATÃO, 1995, p. 89).

Platão defendera o homem como um ser sociável, caráter demonstrado em suas atitudes e a maneira de agir consigo e não apenas por sua maneira de expressar-se pois aliando fala, linguagem e pensamento, a fala pode vir a ocultar nossas verdadeiras intenções.

Para PLATÃO *apud* JEANNIÈRE (1995) a linguagem está a serviço da ideia que ela exprime, e não apenas do sujeito que fala; mas não é somente o meio de dizer a ideia, o sinal da ideia; ela exprime que a ideia é conhecida, que ela é nossa, que ela faz parte da nossa própria realidade espiritual.

Para Platão a linguagem não é só o que o sujeito quer dizer, mas como o sujeito vai se utilizar dessa linguagem para exprimir sua ideia e sua realidade espiritual.

Para DESCARTES (1996) a filosofia é o estudo da sabedoria, isto é, um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta de sua vida como para a conservação de sua saúde e a invenção de todas as artes.

Descartes vê na filosofia o estudo da sabedoria, ao qual o homem podendo ter conhecimento de tudo que está ao seu redor, utiliza-se desta para conduzir sua vida. A sabedoria só pode ser adquirida e expressa através da linguagem:

“[...] nada há que esteja inteiramente em nosso poder, exceto os pensamentos. O corpo humano nunca é uma máquina, pois está sempre unido a uma alma. Mas esta redução mostra que a única função da alma é o pensamento.”
(DESCARTES, 1996, p. 159).

Descartes compara o homem a uma máquina quanto ao funcionamento, porém a máquina não tem a alma racional e pensante. A alma nutre o pensamento que dá forma a linguagem e é por ela modelado, podendo vir a modificar seu curso.

Se existe algo absolutamente em nosso poder, são os nossos pensamentos, aqueles que provêm da vontade e do livre-arbítrio.

Quando alguém diz: penso, logo sou, ou existo, ele não conclui sua existência de seu pensamento como pela força de algum silogismo, mas como uma coisa conhecida por si; ele a vê por simples inspeção do espírito. Como se evidencia do fato de que, se a deduzisse por meio do silogismo, deveria antes conhecer esta premissa maior: Tudo o que pensa é ou existe. Mas, ao contrário, esta lhe é ensinada por ele sentir em si próprio que não pode se dar que ele pense, caso não exista. Pois é próprio de nosso espírito formar as proposições gerais pelo conhecimento das particularidades (DESCARTES, 1996).

Descartes criou uma frase que se tornou célebre: “Penso, logo existo.” Para ele, só o fato de estarmos pensando não significa que estamos vivos, mas que ao estarmos pensando, esta intenção existe. E para estarmos pensando temos que ter um conhecimento prévio do assunto ou do objeto deste pensamento. E assim, o fato de termos este conhecimento, não podemos pensar em algo que não temos conhecimento, porque o nosso conhecimento e entendimento das coisas se dão a partir das características mais marcantes do objeto para depois termos o conhecimento de sua totalidade.

A ideia das coisas só é possível quando você conhece ou se tem ideia do “algo”, mas para julgar esta coisa só podemos fazer segundo a ideia que temos. Por termos a capacidade de formular ideias, o que entra em contradição não são as coisas que se apresentam a nossos pensamentos e ideias, mas sim nosso livre arbítrio de julgar e escolher o que é melhor em que pensamos e idealizamos.

Descartes (1996), compreende pelo nome de pensamento, tudo quanto está de tal modo em nós que somos imediatamente seus conhecedores. Assim, todas as operações da vontade, do entendimento, da imaginação e dos sentidos são pensamentos.

Somos conhecedores dos nossos próprios pensamentos, tudo que se opera em torno de nossa pessoa são pensamentos os quais nos movem, impelem e formam.

Pelo nome de ideia Descartes (1996), entende a forma de cada um de nossos pensamentos por cuja percepção imediata temos conhecimento desses pensamentos. De tal modo que nada se pode exprimir por palavras, sem que daí mesmo seja certo que possua em si a ideia da coisa que é significada por palavras.

A ideia é o conhecer dos nossos pensamentos. Mas como expressar com palavras o que pensamos? Para expressar com palavras os pensamentos é preciso compreender, e se ter ideia das palavras que melhor definem o que foi compreendido e pensado.

Atualmente os filósofos continuam estudando a linguagem como meio de compreensão do homem. A linguagem é uma estrutura de significação tão complexa, que todos os recursos que utilizamos para nos comunicar faz em parte da linguagem. A linguagem está num gesto diferente, em que tem um grau de significação que as palavras não expressam; está presente em uma melodia de uma música ou na nossa própria entonação, onde queremos transmitir algo, para alguém; está no silêncio das ações e pensamentos que permeiam nossos atos humanos; está presente nas frases e em tudo que nos utilizamos de algum meio para alcançar a comunicação. O que se pode tirar de significativo na linguagem presente em qualquer ato, ação, pensamento, fala, voz é que

cada uma delas passa o seu significado conforme o que o falante quer transmitir e que o receptor recebe essas informações conforme o entendimento que possui do mundo ao seu redor.

A linguagem pode ser vista como sendo localizada entre dois níveis diferentes de organização, a saber, entre corpo e pensamento ou entre corpo e mente.

O significado é assimilado inicialmente pela criança como parte da herança social da que faz parte a linguagem. Progressivamente, o significado vai qualificando-se à medida que a criança se desenvolve, de tal forma que não pode deixar de ser algo estritamente individual, além de ser social (VYGOTSKY, 1994; AZCOAGA, 1988).

O significado das palavras chega até a criança por herança social, que será o precursor da formação da sua linguagem. Com o desenvolvimento da criança esse significado passa a ser individualizado e social.

O sentido entende-se por um significado individual da palavra separado deste sistema objetivo de relações com o momento dado e a situação dada (LURIA, 1987).

Relacionara sentido e significado como sendo componentes da palavra, sendo que o sentido é mais individualizado, pois depende do indivíduo, já o significado é um sistema de relações simbólicas contida na palavra.

O ato comunicativo (AZCOAGA, 1998) termina em um contexto linguístico. Esse contexto não está configurado só pelo que se diz e como se diz, mas também pelo que já e pelo que ambos antecipam acerca do que se dirá. É um contexto predominantemente, mas não exclusivamente semântico, pois intervêm aspectos fonológicos, especialmente suprasegmentais (prosódia, volume de voz etc.).

Com efeito, podemos pensar algo que talvez não possamos dizer; mas de forma alguma poderíamos dizer algo que não podemos pensar. Pense-o, portanto, antes de nomeá-lo.

Não significa que falamos tudo que pensamos, mas não podemos falar sem ter tido um pensamento prévio. Ao observarmos um objeto, fazemos com os olhos, mas suas características são fixadas pela mente e relacionadas com as emoções, experiências e sentimentos, elaboramos com o pensamento e esta ideia será expressa pela fala.

Para o contexto histórico - social, um homem em silêncio é um homem sem sentido. Então, o homem abre a mão do risco da significação, da sua ameaça e se preenche; fala. Atulha o espaço de sons e cria a ideia de silêncio com o vazio como falta (SURREAUX, 1999, p. 58).

O homem tem a capacidade de falar, e com isso age sobre o mundo, transformando-o. Ao falar, ele quebra a barreira do silêncio, preenchendo o espaço com o som emitido por ele próprio. Porém, o silêncio em si mesmo também traz muita significação. Às vezes, mais que palavras (SURREAUX, 1999).

A linguagem se converte num instrumento poderoso de estruturação e organização da cultura. A linguagem organizadora da cultura que se detêm no conhecimento acumulado através de gerações, que designa a forma como uma cultura entende e se relaciona com o mundo em que vive. A linguagem cria um universo simbólico para além do mundo concreto (LURIA & YUDOVICH, 1987).

Enquanto a cultura molda a linguagem, esta mesma linguagem determina a influência do homem sobre o meio. A linguagem humana é um complexo sistema de códigos que designam objetos, características, ações ou relações; códigos que possuem a função de codificar e transmitir a informação.

O elemento fundamental da linguagem é a palavra. A palavra designa as coisas, individualiza suas características. Designa ações, relações, reúne objetos em determinados sistemas. Dito de outra forma, a palavra codifica nossa experiência (LURIA & YUDOVICH, 1987).

A linguagem humana é um sistema codificado que determina ações, objetos, relações e características, a fim de transmitir a informação desejada pelo sujeito, utilizando-se da palavra que para os autores é elemento básico da linguagem, a palavra codifica a experiência vivenciada pelo sujeito. A linguagem é o instrumento básico inventado pelo homem, permitindo-lhe não só entrar em contato com a natureza, mas sobretudo transformá-la.

É a partir da linguagem, que o homem constrói formas superiores de comportamento, que passa da relação direta com a natureza a uma relação mediada pelos signos socialmente compartilhados, que passa do mundo concreto ao simbólico (SILVEIRA, 1998).

A linguagem é fator básico para o homem ter e entrar em contato com a sociedade, transformando-a de forma a construir novos comportamentos, que lhe possibilitam uma relação mais mediada por signos sociáveis, o que torna o mundo mais simbólico do que concreto.

Falar de uma linguagem faz parte de uma atividade ou de uma forma de vida. O modelo reducionista do atomista lógico é assim rejeitado. Os jogos de linguagem não são

introduzidos com o objetivo de “futura regulamentação da linguagem”, mas como funções linguísticas alternativas que, através de “semelhanças e dessemelhanças”, descrevem e mostram o uso das palavras em uma forma de vida, em contexto de instituições e comportamentos humanos (WITTGENSTEIN, 1973).

Fazemos uso da linguagem de diversas formas, pois ela nos possibilita essa opção, porque a linguagem não é algo fixo, é algo que se encontra em mudança constante sendo que há termos que se renovam e outros que envelhecem.

Quando o sujeito se utiliza a linguagem para falar, expressar algo, está se utilizando dos elementos linguísticos para expressar uma atividade ou até a forma que lhe convém passar a vida. Se utiliza de funções linguísticas alternativas em que coloca na sociedade e mostra seus comportamentos, ideias e forma de vida

LINGUAGEM E PENSAMENTO

Quando falamos de linguagem, de acordo com Piaget (1996, p. 205), é impossível imaginar que esta existe se o pensamento, pois a linguagem é a maneira pela qual expressamos o nosso pensamento. E é claro que sabemos que está não é e nem deve ser a única forma de expressarmos nossas ideias. Jean Piaget desenvolveu um método de investigação do pensamento infantil, concentrando-se nas características distas do pensamento infantil. E desta maneira revolucionou o pensamento da época que considerava a criança um miniadulto.

Segundo Piaget (1996, p. 211) as características da lógica das crianças estão relacionadas ao egocentrismo do pensamento infantil. Ele fala sobre o egocentrismo infantil de forma a caracterizá-lo com uma posição genética.

A base da crença de Piaget é fornecida pelas pesquisas que realizou quanto ao uso da linguagem pelas crianças. Ele realizou várias observações sistemáticas que ajudou consideravelmente a psicologia, consequentemente educadores e todos os interessados em compreender o “mundo” da criança. Com os dados obtidos chega-se à conclusão de que a fala egocêntrica é um estágio transitório na evolução da fala oral para a fala interior.

Entretanto em nenhum momento Piaget cita a fala interior egocêntrica, uma vez que as crianças mais velhas do que 8 anos não apresentam mais a fala egocêntrica, por já tentarem resolver situações problemas sozinhas. Porém, quando nos encontramos nessa situação e perguntamos à criança o que estava pensando, ela nos dá respostas semelhantes às encontradas na fase da fala egocêntrica da pré-escola.

Vygotsky (2001, p. 98) observa que o pensamento da criança pequena inicialmente evolui sem a linguagem; assim como os seus primeiros balbucios são uma forma de

comunicação sem pensamento. Entretanto, já nos primeiros meses, na fase pré-intelectual, a função social da fala já é aparente: a criança tenta atrair a atenção do adulto por meio de sons variados. Até por volta dos dois anos, a criança possui um pensamento pré-linguístico e uma linguagem pré-intelectual, mas a partir daí, eles se encontram e se unem, iniciando um novo tipo de organização do pensamento e da linguagem. Nesse momento, surge o pensamento verbal e a fala racional. A criança descobre que cada objeto tem seu nome e a fala começa a servir ao intelecto e os pensamentos começam a ser verbalizados.

Assim, segundo Vygotsky (2001, p. 102), o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. Vygotsky constatou que a fala é um elemento que favorece o aprendizado e transforma o ser humano na espécie animal com nível superior às demais espécies. A criança compreende e controla seu mundo através da linguagem. Ao denominar coisas e o que faz, descobre que pode pensar em objetos e pessoas que não está vendo, ou melhor, ainda consegue imaginar situações. A grande divergência entre os dois estudiosos, no entanto, se dá na relação entre linguagem e pensamento. Para Vygotsky e Luria a linguagem tem um papel definitivo na organização do raciocínio, pois age decisivamente sobre este, reestruturando diversas funções psicológicas, como a atenção, a memória, a formação de conceitos.

Enquanto para Piaget, a aprendizagem depende do estágio de desenvolvimento atingido pelo sujeito, para Vygotsky, a aprendizagem favorece o desenvolvimento das funções mentais. Embora Vygotsky concorde que a aprendizagem ocorre muito antes da chegada da criança à escola, ele também atribui um valor significativo à aprendizagem escolar, que no seu dizer "produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança". Ao longo da vida o indivíduo se desenvolve através de diferentes fases que envolvem vários processos mentais. Um dos primeiros processos pelos quais a criança passa é a formação de conceitos no qual o mediador é a palavra, que é o meio para centrar a atenção, abstrair determinadas situações, sintetizá-las e simbolizá-las através dos signos.

Chegando à discussão do desenvolvimento do agrupamento conceitual nas crianças, usando seus blocos, Vygotsky acompanha a forma pela qual o desenvolvimento intelectual da criança adquire uma estrutura que torna possível o uso da linguagem como instrumento lógico, crítico e analítico do pensamento. Segundo suas explorações também constata sobre o modo pelo qual os conceitos mais rigorosos de ciência e pensamento disciplinado têm o efeito de transformar dando uma nova direção aos conceitos espontâneos nas crianças.

Segundo Vygotsky, a formação de conceitos passa por três fases: o sincretismo, na qual a criança agrupa objetos de forma desordenada; o pensamento por complexos, no qual a

criança consegue agrupar os objetos por meio de características que possam ter em comum. Num estágio mais evoluído dessa mesma fase, a criança começa a se orientar por semelhanças concretas visíveis e formar grupos de acordo com suas conexões perceptivas. Assim a criança nesse estágio é capaz de agrupar os animais em um grupo e as plantas em outro. Esse estágio é denominado de *Pseudoconceito*.

Voltando nosso olhar para Piaget, veremos que para ele a ausência de consciência na criança em idade escolar é um resquício do seu pensamento egocêntrico, que mesmo nessa fase tenda a desaparecer ainda está presente no pensamento da criança, ou no seu raciocínio. Neste exato momento é que se dá a transformação, na qual a consciência é atingida e a criança começa a desenvolver um pensamento socializado maduro, que praticamente expulsa os restos de egocentrismo do pensamento verbal da criança

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho é de oferecer aos educadores subsídios teóricos que lhes possibilitam a compreensão das relações conhecidas entre a motricidade humana e os processos de aprendizagem, tanto no âmbito das atividades predominantemente motoras como das atividades predominantemente cognitivas; apresentando os caminhos eficazes.

Propiciar aos educadores vivências de atividades que podem ser utilizadas como instrumento para avaliação e intervenção em dificuldades para os problemas específicos de aprendizagem.

O mundo todo é unânime em afirmar que o exercício físico é muito necessário para o desenvolvimento mental, corporal e emocional do ser humano e em especial a criança.

O exercício físico estimula a respiração, a circulação além de fortalecer os ossos, músculos e aumentar a capacidade física geral, dando ao corpo um pleno desenvolvimento.

Quanto a parte mental, se a criança possuir um bom controle motor, poderá explorar o mundo exterior, fazer experiências concretas, adquirir várias noções básicas para o próprio desenvolvimento da mente, o que permitirá também tomar conhecimento de si mesmo e do mundo que a rodeia.

Emocionalmente, a criança conseguirá todas as possibilidades para movimentar-se e “descobrir” o mundo, tornar-se feliz, adaptada, livre, socialmente independente.

É bom frisar que a criança se percebe e percebe o mundo exterior através do corpo e por ele se relaciona com os objetos e fatos. O seu “comportamento” liga-se à ação corporal que abrange três noções, a do corpo, a dos objetos e a dos demais corpos.

REFERÊNCIAS

- SÃO PAULO (SP) Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Cidade: Ensino Fundamental, Língua Portuguesa – São Paulo - SME 2019
- AZCOAGA, Juan E. - O sentido e o significado da interpretação da mesma mensagem verbal. In: FABRINI, Regina & OLIVEIRA, S. L. - Interpretação. São Paulo: Lovise, 1998. p. 47-56.
- CHOMSKY, Noam (1966). - Teorias de aquisição de Linguagem. In: Goldfeld, Márcia. - Fundamentos em fonoaudiologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- DESCARTES, René. - Descartes: discurso do método, as paixões da alma, meditações, objeções e respostas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- LURIA, A. R. - Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- YUDOVICH, F. I. - Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- PIAGET, Jean (1962) - Problemas de aprendizagem relacionados à linguagem: sua natureza e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PLATÃO - Diálogos: a república. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1995
- SÊNECA, L. A. - Vieira, Orador e epistológrafo. Revista da UCP, 5 (15): 7- 29, 1997.
- SKINNER, B.F. (1957) - Psicologia do Desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência. São Paulo: EPU, 1981.
- SILVEIRA, Lauro F. B. - O que querem dizer e para onde conduzem os signos linguísticos: uma investigação acerca dos interpretantes linguísticos. In: FABRINI, Regina & OLIVEIRA, S. L. - Interpretação. São Paulo: Lovise, 1998. p. 57.
- VYGOTSKY, L. S. - A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LAMPREIA, C. - Linguagem e atividade no desenvolvimento cognitivo: Algumas reflexões sobre as contribuições de Vygotsky e Leontiev. Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, 1999.

